

Etnografando na cidade: práticas, narrativas e construções simbólicas sobre o Turismo no Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas - RJ

Aline Rocha Neryⁱ

Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo: Este trabalho tem como objetivo a exposição de algumas considerações sobre o Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas, atrativo turístico da cidade do Rio de Janeiro criado no ano de 2003 a partir da transferência da antiga Feira de São Cristóvão para dentro do Pavilhão de São Cristóvão. Para tanto, em um exercício de reflexão sobre a subjetividade na pesquisa social, relato os caminhos que me levaram até este objeto de estudo, tecendo, posteriormente, algumas considerações preliminares relacionadas ao turismo neste espaço.

Palavras-chave: Etnografia, Subjetividade, Turismo, Construções simbólicas, Feira de São Cristóvão.

Title: Ethnography in the city: practices, narratives and symbolic constructions on Tourism at Luiz Gonzaga Northeastern Traditions Center- Rio de Janeiro

Abstract: The research aims to introduce some considerations about “Luiz Gonzaga Center for Northeastern Traditions”, a tourist attraction located in Rio de Janeiro. The Center was created in 2003 when the old “São Cristóvão Street Market” (Feira de São Cristóvão) was transferred to “São Cristóvão Pavillion”. Reflections about subjectivity in social research are registered in this paper, as well as a description of the ways that took me to this research object and some preliminary considerations related to tourism in that place.

Keywords: Ethnography; Subjectivity, Tourism, Symbolic constructions, São Cristóvão Street Market.

ⁱ Mestranda em Ciências Sociais, Especialista em Planejamento e Gestão Social e Turismóloga. E-mail: linenery@yahoo.com.br

A subjetividade na pesquisa social e os caminhos que me levaram ao Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas

A antropologia é também a ciência dos observadores capazes de observarem a si próprios
François Laplantine

“Ter valores ou não ter valores: a questão está sempre conosco”. Ao iniciar com esta frase o texto “De que lado estamos”, um dos capítulos de seu livro “Uma teoria da Ação Coletiva”, Howard Becker (1977) incita-nos a uma reflexão acerca desta questão que, ainda tão atual, permeia o campo das ciências sociais. Como nos portar diante de nossos interlocutores? É possível, de algum modo, reprimirmos a nossa subjetividade? Como pensar a objetividade na pesquisa social?

Para Becker, a questão de termos ou não valores, aparentemente apresentada a nós como um dilema, na verdade não existe, pois, para que existisse, seria preciso supor que é possível fazermos uma pesquisa que não seja contaminada por simpatias pessoais e políticas, o que, de fato, é impossível; afinal, não podemos evitar tomar partidos. Deste modo, o autor sugere-nos que a questão seja alçada a um outro nível de discussão, no qual nos interroguemos acerca das seguintes questões:

irá a pesquisa ser afetada por esta simpatia? Será ela útil na construção da teoria científica ou na aplicação do conhecimento científico aos problemas práticos da sociedade? Ou o bias introduzido pela tomada de posição a tornará inútil para estes fins? (Becker, 1977:123)

De acordo com Becker, não há posição a partir da qual nossa pesquisa seja feita que não contenha bias em uma ou outra direção. O fato é que sempre olhamos a questão do ponto de vista de alguém. A própria necessidade da delimitação do nosso campo de observação nos leva a isto, o que nos faz pensar que a questão, portanto, é termos a certeza de que,

independentemente do ponto de vista adotado, nossa pesquisa conseguirá satisfazer os padrões do bom trabalho científico; que nossas inevitáveis simpatias não tornarão nossos resultados sem validade. (Becker, 1977:133).

Laplantine (2007), ao discutir a questão da subjetividade, concorda com Becker acerca da impossibilidade de uma neutralidade por parte do pesquisador, alegando inclusive que a busca da mesma constitui um perigo. Segundo o autor, é justamente quando almejamos esta suposta neutralidade que corremos o risco de nos afastarmos do tipo de objetividade e do modo de conhecimento específico que objetivamos. A busca desta suposta auto-suficiência faz com que acabemos nos esquecendo do princípio de totalidade, que, no estudo de um fenômeno social,

supõe a integração do observador no próprio campo de observação”. Afinal, “parece impensável dissociar aquele que observa daquele que é observado, uma vez que “nunca somos testemunhas objetivas observando objetos, e sim sujeitos observando outros sujeitos. (Laplantine, 2007:169).

Por que, então, muitos de nós, ainda assim, teimamos em tentar reprimir nossa subjetividade? Segundo Laplantine (2007), isso estaria relacionado a um modelo objetivista utilizado na física até o final do século XIX, quando acreditava-se que um objeto de investigação poderia ser construído independente do observador. Esta seria, também, contemporaneamente, uma das tendências das ciências humanas: a objetivação dos sujeitos sociais em consonância a uma dissimulação do observador. A eliminação do sujeito, neste caso, consistiria uma premissa na busca por um modo de racionalidade que almeje alcançar critérios de objetividade. O autor nos mostra, no entanto, que, curiosamente, a volta do observador ao campo da observação se deu não através das ciências humanas, mas sim pela própria física moderna, ao reintegrar

a reflexão sobre a problemática do sujeito como condição de possibilidade da própria atividade científica. (Laplanti-

ne, 2007:172).

Uma das alternativas a esta questão consiste em deixarmos sempre claros os limites do que estudamos, delineando as fronteiras além das quais nossas descobertas não podem ser aplicadas sem problemas (Laplantine, 2007; Geertz, 2001). Outra, ressaltada por Geertz (2001), diz respeito ao reconhecimento de que somos todos “observadores posicionados, ou situados” (utilizando-se da expressão de Ricardo Rosaldo). Esta postura, longe de representar uma fragilidade do trabalho de campo, deve ser vista como um avanço. Portanto, é tendo como base estas premissas, e baseando-me na convicção de “aquilo que o pesquisador vive, em sua relação com seus interlocutores, é parte integrante de sua pesquisa”, assim como que “uma verdadeira antropologia científica deve sempre colocar o problema das motivações extra-científicas do observador e da natureza da interação em jogo” (Laplantine, 2007:170), é que inicio este trabalho relatando os caminhos que me levaram até a Feira de São Cristóvão, já Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas. Nessa “viagem” que me vi levada a empreender, na qual ingressei como turista e caminho como turismóloga e antropóloga, as descobertas vão sendo efetuadas como na montagem de peças de um grande quebra-cabeça.

Se no início as informações são muitas e as dificuldades para me situar em campo se apresentam, aos poucos alguns aspectos vão se mostrando relevantes para a análise. Este artigo, portanto, longe de apresentar verdades absolutas, constitui uma primeira reflexão sobre o turismo no Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas, abordando aspectos que ainda serão melhor trabalhados. Para iniciarmos este percurso, no entanto, precisamos retornar ao ano de 2006, quando pela primeira vez tomei conhecimento da feira.

O “causo” Zé da Onça e Carrapeta

Ano: 2006, época em que eu trabalhava no turno da tarde como estagiária no Museu Ferroviário de Juiz de Fora - MG.

Adorava o estágio: os projetos de educação patrimonial desenvolvidos nas escolas, as visitas guiadas, o contato com pessoas diferentes, as histórias ouvidas... Cada um que por ali passava experienciava o acervo e o momento de uma forma diversa. Objetos para uns sem significados, para outros, remetiam às lembranças mais profundas do ser. Risos e lágrimas, longe de representarem manifestações unicamente fisiológicas, expressavam-se ali enquanto linguagem, assumindo contornos simbólicos. (Mauss, 2005).

Foi numa tarde dessas que ocorreu meu primeiro contato com a Feira de São Cristóvão, a partir de um caso sobre “Zé da Onça” e “Carrapeta” (artistas trabalhadores da Feira) que me foi contado no Museu por Evandro Teixeira (na época em passagem pela cidade de Juiz de Fora com um colega de trabalho do Jornal do Brasil). Artistas populares antigos da Feira, “Zé da Onça” e “Carrapeta” teriam sido convidados, por intermédio de Evandro, para uma apresentação em um evento na Suíça, onde, junto a demais artistas brasileiros, representariam o Brasil. Como Evandro já estaria no país a trabalho, combinou de encontrá-los no Aeroporto. No entanto, o que ele não contava é que a dupla se perderia ali, sem saber falar a língua local e, tampouco a língua inglesa. Este episódio teria sido suficiente para o estabelecimento de uma grande confusão, que só teria sido resolvida quando as autoridades locais acionadas por Evandro, depois de bastante tempo, finalmente encontram “Zé da Onça” e “Carrapeta” em um canto do Aeroporto. Chama-me a atenção o fato que se seguiria. Recebidos como artistas pela organização do evento, a dupla teria tido acesso à comida farta e variada, ou à alimentação que quisessem; no entanto, por não haver no local as iguarias com as quais estavam acostumados, teriam praticamente passado fome durante toda a viagem, voltando, de certo modo, decepcionados ao Brasil. Ao chegarem à Feira (divertia-se Evandro enquanto compartilhava conosco essa estória), antes de iniciarem mais uma de suas apresentações, teriam pegado o mi-

crofone e começou a compartilhar com os conterrâneos a saga na “Ôropa”. Na medida em que iam narrando, a multidão se aglomerava para ouvi-los. E, naquele clima de retorno ao lar, gritavam ao microfone, extravasando seus sentimentos:

– “Conterrânos”, vocês acham que lá é chique?

– (E a multidão em coro): Nããããoooo!

– Vocês acham que lá tem arroz?

– Nããããoooo!

– Que tem “feujão”? (feijão)

– Nããããoooo!

– Que tem buxada (buchada)? Sarapatel?

– Nããããoooo!

– E vocês querem ir pra lá?

– Nããããoooo!

– Por que qual é o melhor lugar do mundo?

– É aquiiiiiiii!

E, assim, teriam dado início ao show da noite. (Adaptação minha).

Entre os vários casos contados por Evandro durante nossa conversa, chamou-me a atenção este em particular. Enquanto Evandro relatava sobre a Feira, a produção de seu livro com fotos da Feira “antiga” (ao ar livre) e da “nova” (após sua transferência para dentro do Pavilhão de São Cristóvão), silenciosamente eu ficava me perguntando que lugar seria aquele. Quem seriam aquelas pessoas que encontravam ali segurança afetiva e acolhimento?

Sem que eu me atentasse para este fato na época, começava naquele momento o início de minha viagem à Feira de São Cristóvão, através da busca por maiores informações e da construção de aspectos subjetivos que moldariam a minha experiência futura. Trata-se do que Santana (2009:77) define como a primeira fase da experiência turística: o momento que antecede o deslocamento propriamente dito e durante o qual a viagem em si chega a ocupar uma parte considerável do nosso tempo, que passa a ser “alterado, programado e condicionado por e para a idéia” de abandono do cotidiano. Longe de ser gasto apenas com os aspectos práticos da viagem (como a escolha do meio de transpor-

te, de hospedagem, do roteiro a ser feito, e a arrumação da bagagem, por exemplo), é também empregado na construção das nossas expectativas.



Fachada do Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas (Foto: Aline Nery. Junho de 2009).

Passaram-se alguns meses até que chegasse o mês de novembro de 2006, época em que finalmente surgiria a oportunidade de, talvez, conhecer a Feira! Apresentaria um trabalho em um Congresso em Curitiba – PR, para onde iria a partir de um vôo saindo do Rio de Janeiro, em uma segunda-feira. Combinei com Flávia, amiga que na época também trabalhava comigo no Museu Ferroviário, de passarmos o fim de semana anterior à viagem no Rio. Assim, conheceríamos um pouco a cidade e, na segunda, eu embarcaria rumo a Curitiba. E dessa forma aconteceu.

Fomos para o Rio de Janeiro de ônibus até a Rodoviária, onde Evandro nos aguardava para gentilmente nos levar até o Albergue da Juventude em que ficaríamos hospedadas, no bairro de Ipanema. Após colocarmos “o papo em dia”, combinamos que ele nos buscaria de carro à noite, no Albergue, para irmos à Feira. Logo, algumas horas depois, lá estávamos nós em direção à Feira de São Cristóvão. Éramos quatro: Flávia, Evandro, uma amiga sua (também Flávia) e eu. Como não conhecia o Rio de Janeiro na época, não fazia a menor idéia da distância em que nos encontrávamos de lá. Mas isso, naquele momento, parecia ser o que menos importava.

Muitas expectativas e emoções nos cer-

cavam em direção ao nosso destino. Dentro do carro, eu olhava atenciosamente o cenário daquela cidade grande. Devia ser pouco antes das 22h quando adentramos um grande estacionamento, sendo avisados por Evandro que chegamos. Lembro-me que o Pavilhão (onde a Feira está localizada), bem à nossa frente, me chamou bastante a atenção. Afinal, não era bem aquela a idéia que eu fazia de uma Feira.



Trio de “forró pé de serra”. (Foto: Flávia Paiva. Junho de 2009).



Freqüentadores dançando o “forró pé de serra”, em área afastada do centro. Para muitos, ali estaria o “autêntico” forró da Feira, em oposição ao forró eletrônico, tocado nos palcos principais. (Foto: Flávia Paiva. Junho de 2009).

A música alta ultrapassava as barreiras físicas do Pavilhão e parecia nos convidar a entrar. Assim, após comprarmos nossos ingressos, finalmente, adentramos na Feira. Cheiros variados nos recebiam, como o de milho cozido e churrasco. A fumaça advinda de pequenas churrasquei-

ras localizadas na porta das barracas era encontrada em vários espaços da feira. Uma variedade de músicas se misturava a um grande número de pessoas, também muito diversificado. Na medida em que eu percorria o espaço, minha visão se perdia entre a multiplicidade de cores, sons e pessoas no ambiente.

Aproveitamos a noite como turistas. Apreciamos as barracas, compramos sandálias de couro, comemos, conversamos, rimos, dançamos. Em frente a um pequeno palco de madeira, onde um trio tocava forró “pé-de-serra”, Evandro se divertia fotografando-me enquanto eu era rodopiada e virada de cabeça para baixo por um exímio parceiro de dança, em uma performance de atrair a atenção do público que estava ao redor. Evandro estava radiante, gritava “mais, mais”, para que pudesse captar a imagem nos momentos em que eu estava no alto. Meu parceiro de dança, mostrando toda a sua habilidade, me girava cada vez mais. Em meio à tentativa de ganhar fôlego, ao medo de cair e às crises de riso (que de vez em quando me acompanham em momentos de tensão) eu não conseguia pedir para ele parar. Foi preciso esperar o fim da música para que eu conseguisse, educadamente, me esquivar da dança.

Seguimos para a “Barraca da Chiquita”, que, segundo Evandro, era uma das melhores ali no ramo da alimentação. Comemos carne de sol, conversamos, e, embora eu tenha passado mal devido aos minutos precedentes de forró e ao abuso subsequente da manteiga de garrafa, continuamos nosso passeio, e o tempo transcorreu sem que nos déssemos conta. Por volta das 3h da madrugada, lá estávamos nós voltando rumo ao Albergue em Ipanema.

No dia seguinte, domingo, devia ser por volta das 12h quando falamos com Evandro. Ele daria um curso prático de fotografia na Feira à tarde e convidou-nos a ir com ele. Nos fins de semana a Feira funciona ininterruptamente, das 10h de sexta-feira às 20h do domingo, com uma programação fixa. Alguns trabalhadores, na tentativa de descansarem um pouco

para mais um dia de trabalho, dormem em suas próprias barracas no início da manhã.

Neste domingo era dia de show do “Brega” na Feira, e tivemos a oportunidade de assistir, dentre outros, ao show de Bernadete. Acima dos 50 anos de idade, cabelos curtos pintados de loiro, vestido vermelho e bastante maquiagem, Bernadete cantava e dançava em um ritmo de tirar o fôlego até dos mais jovens. Junto a um outro artista do show brega da Feira, figura engraçadíssima, encenava suas músicas (quase todas com duplo sentido) para delírio e risadas da platéia. Pessoas de todas as faixas etárias, de crianças a idosos, se aglomeravam ali para assistir ao show, inseridas naquele contexto significacional em que a música brega cria uma reflexividade com o público, havendo uma interação entre mensagem e receptor. Rede de significados que são interpretados por aqueles que se sentem inseridos naquele sistema significacional, onde significado e significante intercambiam e dialogam. Há um mergulho na história e o público participa da mesma, um ir e vir atemporal, onde público e artistas fazem parte da grande ópera multi-cultural (Giacomini e Costa; 2008).

Nos intervalos, Bernadete vendia seus CDs. As pessoas a parabenizavam e pediam autógrafos. Fui cumprimentá-la e aproveitei para perguntar como ela conseguia dançar por tanto tempo. Bernadete contou-me que tinha um problema sério na coluna que lhe causava muitas dores, e que, assim como eu, também não sabia como conseguia dançar, tampouco por tanto tempo.

No artigo intitulado “Emoção e relações de gênero no universo “brega”: corpos, corações e mentes em transbordamento emocional”, Sônia Maria Giacomini (2007) auxilia-nos na compreensão do universo brega na Feira de São Cristóvão. Ao apresentar alguns resultados parciais sobre as práticas de sociabilidade e relações afetivas em um grupo de frequentadores das barracas “brega” da Feira, Giacomini esclarece que, de modo geral, “é possível afirmar que o “brega” é

considerado como parte de um conjunto genericamente caracterizado como a “cultura regional nordestina”, cuja celebração constituiria o motivo e a própria razão de ser da Feira. Ainda que não goze de estatuto equivalente ao cordel ou do forró, que são expressões culturais vistas como as mais genuinamente nordestinas, a música “brega”, com sua forma expressiva e seus personagens característicos, está longe de ser considerada algo estranho ou destoante na Feira, mesmo do ponto de vista dos frequentadores mais tradicionalistas. De fato, nos anúncios oficiais que propagandeiam a Feira, a música “brega” é apresentada como uma das mais “marcantes” atrações, incluída, ao lado do forró, entre as expressões que desde o início marcaram o local”. (p.05).

Isso explica-nos a reação calorosa da platéia à performance de Bernadete, bem como a duração de seu show naquele domingo de 2006 (aproximadamente quatro horas), em que figurava como uma das principais apresentações do dia. De acordo com informações obtidas pela autora no site oficial da Feira, o brega já existiria ali desde os tempos em que a mesma funcionava ao ar livre, quando já se encontravam aquelas “figuras excêntricas e engraçadas da música brega na Feira que nunca deixaram de se exibir naquele espaço”. De acordo com as informações fornecidas no site

essas tradicionais expressões do mundo brega fazem parte do CLGTN e ajudam o local a se tornar um autêntico reduto dos paus-de-arara no Rio de Janeiro. (Fonte: www.feiradesaocristovao.com.br apud Giacomini. Acesso em 14/09/2007).

Continuamos a percorrer a Feira. Impressionava-me a heterogeneidade dos espaços e dos frequentadores dos mesmos. Andamos um pouco e paramos em frente a uma barraca onde estava tocando samba. Dois travestis dançavam em cima de um tambor, enquanto o restante das pessoas sambava no chão ou apenas apreciava a cena. Continuamos a caminhar e nos deparamos com um grupo distinto dançando funk. Mais à frente, caixas de som

instaladas nas barracas exibiam música sertaneja. Casais se abraçando e dançando juntos. Roupas, gestos, comportamentos distintos em cada um desses espaços. Emoções vivenciadas de várias formas dentro daquele espaço maior, a Feira de São Cristóvão.

Embora provavelmente devêssemos ter passado várias vezes pelos mesmos lugares na Feira, não consegui me situar. Tampouco ter a dimensão exata do tamanho da mesma. As imagens que eu captava pareciam-me fragmentadas, como se eu tivesse que selecionar o que ver, em meio a tanta coisa a ser vista.

Anoiteceu, e, mais uma vez, lá estávamos nós em direção ao Albergue. Repassando mentalmente os momentos vivenciados, em meu íntimo ressoavam as seguintes questões: que espaço seria aquele, para comportar tanta diversidade? Quem seriam aquelas pessoas que ali se encontravam? Como Bernadete conseguia dançar quatro horas seguidas, com dores na coluna, se eu não consigo? E aqueles ritmos diversos, abrigando públicos também diversos, convivendo dentro de um mesmo espaço físico? Como seriam estabelecidas essas fronteiras? Fui para Curitiba cheia de questionamentos.

Passaram-se quase três anos até que eu retornasse à Feira, em julho de 2009, para a pesquisa exploratória (Nery, 2010) que me fez decidir por ela como meu campo de estudo no mestrado em Ciências Sociais da Universidade Federal em Juiz de Fora – MG. Desta vez, o olhar foi outro. A preocupação também. Neste estudo preliminar, conversei com alguns trabalhadores a fim de investigar o que a Feira representava para eles. Que significados eram construídos socialmente ali. Nos momentos em que estive com eles, dividiram comigo suas conquistas, seus anseios e experiências compartilhadas. Outras idas se seguiram até o momento presente. Em cada uma delas, amplia-se minha compreensão. Aquela feira que eu, despretensiosamente, conheci em 2006, trata-se na verdade do Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas - CLG-TN. Um espaço resultante da transfe-

rência da antiga Feira de São Cristóvão para dentro do Pavilhão de São Cristóvão, a partir de um acordo envolvendo interesses distintos e tendo como mediadores a Caixa Econômica Federal, a Prefeitura do



Praça Catolé da Rocha, mais conhecida como Praça dos Repentistas. Na foto, senhor Zé Duda e seu parceiro cantam o repente para a platéia que se renova durante a noite. (Foto: Aline Nery. Julho de 2010).



O público assistindo aos repentistas. (Foto: Aline Nery. Julho de 2010).



Avenida principal que estabelece ligação entre os dois palcos principais: palco João do Vale e palco Jackson do Pandeiro. (Foto: Aline Nery. Junho de 2009).

Município do Rio de Janeiro e a Cooperativa dos Comerciantes da Feira de Tradições Nordestinas do Campo de São Cristóvão (presidida na época por Agamenon de Almeida). Este processo, no entanto, apresenta características complexas o bastante para ser aqui exposto em poucas linhas. Para o momento, gostaria de frisar apenas que, a partir da transferência da Feira de São Cristóvão para dentro do Pavilhão, a mesma adquire uma nova configuração, passando a ser divulgada como um atrativo turístico da cidade do Rio de Janeiro. É, portanto, sobre algumas resultantes deste processo, cujos resultados começam a ser percebidos mais nitidamente agora, que busco discorrer brevemente nas li-



Rua localizada em área mais periférica. À esquerda, exemplo dos churrasquinhos mencionados anteriormente, muito comuns na Feira. (Foto: Aline Nery. Julho de 2010).

nhas a seguir.

Reflexões preliminares sobre o turismo no Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas

Adentrar o Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas, ou melhor, a atual Feira de São Cristóvão (como o CLGTN é conhecido), é adentrar em um espaço extremamente múltiplo e heterogêneo. Uma variedade de estímulos (visuais, sonoros, olfativos) nos permeia em um cenário cultural onde modernidade e tradição se misturam. A diversidade encontrada na Feira ao ar livre permanece neste novo cenário, agora institucionalizado.

O antigo campo de São Cristóvão,

onde a feira acontecia, transforma-se em um estacionamento com capacidade para aproximadamente 700 veículos, onde nos finais de semana pode-se notar a presença de automóveis de diversas regiões do país.

Com a transferência da Feira de São Cristóvão para dentro do Pavilhão, muitas foram as transformações ocorridas. Na medida em que o novo espaço é inaugurado, novos atores sociais entram em cena: ao mesmo tempo em que surgem estabelecimentos nunca antes existentes na Feira, muitos feirantes antigos são excluídos do processo.

Muitos antigos feirantes acharam que não poderiam comportar as despesas referentes ao novo espaço: cobertura, acabamento nas instalações da sua unidade produtiva, luz, água e outras despesas. E no espaço de quem não pôde ou não quis, alguns feirantes se expandiram ou outros chegaram, acreditando em bons negócios num futuro promissor. (Ribeiro, 2004:88).



Entrada do restaurante “Baião de Dois”, localizado em uma das avenidas principais. (Foto: Aline Nery. Julho de 2010).



Cozinha Industrial. Restaurante “Baião de Dois”. (Foto: Aline Nery. Julho de 2010).



Área interna do Restaurante “Fome Zero”, localizado em área mais periférica. (Foto: Aline Nery. Julho de 2010).



Substituindo o cardápio formal, tabela de preços improvisada afixada na parede. (Foto: Aline Nery. Julho de 2010).



Na foto, barraca vazia sendo utilizada para armazenamento de materiais de construção. (Foto: Aline Nery. Julho de 2010).

Na nova Feira, duas são as entradas principais, que dão acesso a uma avenida que liga uma extremidade à outra do Pavilhão. Na parte interna, perpendicularmente a estas entradas, uma outra avenida liga os dois palcos principais (João do Vale e Jackson do Pandeiro), formando

uma espécie de cruz na qual no centro localiza-se a Praça dos Repentistas, uma das atrações principais do espaço.

O espaço interno é dividido em ruas, que recebem nomes dos Estados e artistas nordestinos. Ao mesmo tempo em que ocorre um processo de valorização das ruas próximas ao centro e aos palcos principais, verifica-se um movimento de periferização das áreas do entorno. Devido à forma como foi projetada, a Feira passa a ter valores imobiliários. Palcos fixos são criados para as manifestações artísticas, denominados também por nomes de artistas nordestinos. Muitos barraqueiros, no entanto, criam estruturas de som em suas próprias barracas, onde ocorrem shows diversos, reproduzindo algo que já acontecia na antiga feira. É criada também



Barraca de produtos nordestinos. (Foto: Flávia Paiva. Junho de 2009).



Casa de Shows “Mistura Brasileira”. (Foto: Aline Nery. Julho de 2010).

uma agenda fixa de atrações, assim como grandes shows passam a ser realizados no local.

Dentre as transformações estruturais, as barracas ganham não apenas instalações fixas, cobertura e infra-estrutura (água-encanada, cartão de crédito e telefone), mas também se modificam para atender ao novo público. Da decoração diferenciada para atrair os clientes à instalação de ar-condicionado em algumas barracas



Área próxima ao palco em noite de show do cantor Leonardo. (Foto: Aline Nery. 23 de julho de 2010).

centrais. Em algumas, como a “Baião de Dois”, localizada em espaço privilegiado em uma das ruas centrais da Feira, próxima a um dos palcos principais, encontramos uma estrutura típica de um grande restaurante: dezenas de funcionários, cozinha industrial, padronização de utensílios como uniformes, toalhas e todo o restante, ambiente climatizado, delimitação da “barraca” toda em blindex, e, finalmente, a capacidade de atender centenas de pessoas. Contrastando com barracas como a Baião de Dois, temos uma série de barracas menores, com uma infraestrutura também menor. Em cada uma delas, um tipo de público. Um tipo de uso. Formas distintas de se vivenciar o lazer. Embora não haja delimitações físicas separando



Área distante do palco, na mesma noite. (Foto: Aline Nery. 23 de julho de 2010).

estes vários espaços no interior do Pavilhão, verifica-se a presença de fronteiras simbólicas demarcando o que podemos denominar como os “vários mundos” ali na Feira.

Atualmente, o Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas conta com aproximadamente 700 barracas fixas. O número de visitantes recebidos mensalmente, no entanto, é impreciso. No site oficial do mesmo constam tanto a informação de que passam pelo local cerca de 250.000 visitantes por mês quanto “mais de 500.000 pessoas todo mês”. Uma das dificuldades encontradas no trabalho de campo refere-se à obtenção de documentos oficiais (algo praticamente impossível) e ao contato com a administração do espaço.

Neste momento inicial da pesquisa, algumas questões, a princípio, me chamam a atenção. Se, por um lado, a transferência para dentro do Pavilhão trouxe maior conforto para os barraqueiros, que agora possuem uma estrutura fixa para armazenar seus produtos e recursos como água encanada e luz elétrica, por exemplo, trouxe também a responsabilidade de arcar com custos fixos muitas vezes inviáveis para os pequenos estabelecimentos, que não conseguem competir com a estrutura



A estátua em bronze de Luiz Gonzaga em uma das entradas principais do Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas. Na foto, turista americano posa para a foto com a esposa (brasileira). (Foto: Aline Nery. Julho de 2010).



Estátua de Padre Cícero, localizada em uma das entradas principais da Feira. (Foto: Aline Nery. Julho de 2010).

dos maiores, cujos donos em alguns casos são empresários que compraram pontos dentro do espaço, no período da transferência. Esse processo vem fazendo com que muitos feirantes tenham que passar seus pontos para quitar suas dívidas. Assim, é bastante comum encontrarmos barracas fechadas ou até mesmo vazias, como mostra a foto abaixo. Também comum é o fato de você visitar uma barraca em um mês e, no mês seguinte, já ter outra em seu lugar. Novos donos, vendo no local uma oportunidade de negócio, chegam constantemente. Para atender a esta demanda, há até um arquiteto que trabalha como freelancer na Feira.

Estabelecimentos diversos dividem espaço neste que vem a ser um cenário cultural sincrético - onde podemos encontrar barracas de produtos nordestinos ao redor

de loja de artigos de rock ou uma boate, por exemplo.

Os grandes shows que vêm sendo realizados parecem acentuar as desigualdades decorrentes do espaço. A entrada, que em dias comuns custa R\$ 2,00, nestes dias pode chegar a custar até R\$ 20,00 (ou mais, dependendo da atração). Os ingres-



Em uma das bilheterias, fila para a compra do ingresso, em uma tarde de domingo. (Foto: Aline Nery. Julho de 2010).



Painel localizado em uma das entradas, onde se encontram pintadas as figuras dos mediadores da transição da Feira para dentro do Pavilhão de São Cristóvão: o presidente da Feira de São Cristóvão na época, Agamenon de Almeida (abraçado a Lampião), e o prefeito César Maia (à esquerda). (Foto: Aline Nery. Julho/ 2010)

dos, desta forma, acabam funcionando como um filtro social, determinando quem entra e quem não entra nestes dias. Se a criação do CLGTN estabeleceu, ou reforçou, a divisão espacial em áreas centrais e áreas periféricas, os shows parecem re-

forçar as desigualdades decorrentes desta estrutura. Nos dias em que acontecem, enquanto as áreas onde se localizam os estabelecimentos próximos ao palco abrigam um fluxo grande de pessoas, que ali se aglomera para assistir à atração, as demais ficam vazias, dando à Feira uma aparência desértica. Muitos feirantes reclamam que, nestes dias, “a Feira praticamente acabou”.

Os restaurantes maiores geralmente abrem de terça a domingo. Realizam reservas e disponibilizam seus espaços para a realização de festas e demais eventos. Já os menores, em sua maioria, costumam abrir apenas aos finais de semana (no horário já mencionado). O Restaurante Baião de Dois (supracitado), é o único do qual tomei conhecimento até o momento que faz propagandas em hotéis e pontos turísticos da cidade. Talvez seja este um dos motivos que leve a muitos turistas irem “direto para ele”, como atestam alguns trabalhadores. Nos demais empreendimentos, a panfletagem nas ruas da Feira feita por funcionários dos estabelecimentos é a estratégia mais utilizada.

Se o turismo ainda parece acontecer de forma “solta” por ali, e a infra-estrutura turística mostra-se precária, o caráter turístico da “nova feira” vem sendo construído gradativamente. É importante ressaltar que o caráter turístico de um local não é de algo natural (visto que nenhum lugar é, por si mesmo, naturalmente turístico), mas sim uma construção cultural que envolve a criação de todo um sistema de significados através dos quais a realidade é estabelecida, mantida e negociada. (Castro, 2002). Mais do que a simples criação de infra-estrutura turística, trata-se de um processo que envolve a escolha de alguns elementos para figurar no que Grunewald denomina “arena turística”, que define como um “espaço social onde ocorrem interações geradas pela atividade turística” (2003:154), assim como a criação de narrativas a povoar o imaginário coletivo, antecipando, de certo modo, a experiência turística.

No caso da Feira, discursos como “o Nordeste é aqui” ou “um pedaço do Nor-

deste no Rio de Janeiro” se articulam povoando o imaginário dos turistas com idéias de um lugar único e especial. Os nove estados da região nordeste, agora, são sintetizados em um espaço único, “um Nordeste bem perto de você”. O Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas passa a ser divulgado como um elemento com o qual todos os que se vêm como nordestinos, ou se afinizam com eles, podem se identificar, a partir de uma “unidade totalizadora englobante” (Siqueira, 2008). Ele é, portanto, um símbolo, cujo significado é o de representar TODO o povo nordestino, independente das diferenças entre eles. Se a trajetória da Feira de São Cristóvão é marcada por vários interesses políticos, o Pavilhão agora, como símbolo desta nova feira, passa a figurar como pano de fundo das propagandas eleitorais, muitas delas realizadas ali mesmo no local. Nos folhetos dos candidatos, a foto do Pavilhão recebe destaque, e pretende informar, simbolicamente, que aquele político é alguém que cuidará de toda a “família” nordestina no Rio de Janeiro.

Verifica-se a tentativa de se fixar caracteres e imagens constituintes do que seria uma identidade nordestina. Tal fato pode ser percebido logo em uma das entradas principais da feira, na qual o visitante é recebido pela estátua em bronze do músico Luiz Gonzaga, o “rei do baião”, anunciando, simbolicamente, com sua sanfona, um pouco do que pode ser encontrado dentro do Pavilhão. A figura de Lampião, tendo o Pavilhão como pano de fundo, também pode ser encontrada no banner afixado nas divisórias da entrada, próximo à roleta. Nele, a Associação dos Feirantes junto à Prefeitura do Rio de Janeiro dá as boas vindas a todos os visitantes, conclamando-os a conhecerem o “nosso” Nordeste. Recentemente, foi inaugurada na entrada oposta uma nova estátua: a de Padre Cícero!

É interessante observarmos como a Feira, ao ser transformada no Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas, encontrou na mídia um poderoso agente social central e privilegiado para a cons-

trução, produção e circulação de sentidos acerca desta identidade nordestina no Rio de Janeiro, identidade esta reforçada na medida em que ela passa a ser divulgada como um atrativo turístico da cidade. Em seu site oficial, a mesma é divulgada como uma “homenagem” aos nordestinos. O guia online “Guia Rio de Janeiro” e a “Rio Tur” (órgão executivo da Secretaria Especial de Turismo) apresentam-na como “um pedaço do Nordeste no Rio”. Já no guia de viagens “O seu guia”, encontra-se na lista das 50 coisas que traduzem o que é ser carioca. O caráter turístico da nova Feira vai sendo, aos poucos, construído no imaginário dos cariocas e daqueles que almejam visitar a “cidade maravilhosa”.

Muito embora o olhar do turista seja mediado pelas coisas que ele vê, lê ou ouve sobre determinada atração, é importante nos atentarmos ao fato de que não se trata, sobremaneira, de um processo mecânico. Afinal, a partir de diferentes narrativas, cada um de nós constrói a sua própria, “selecionando, manipulando e brincando com as imagens” que nos são oferecidas. E esta narrativa, na sua singularidade, pode ser considerada “verdadeira e autêntica” (Castro, 2002:85). Estudar o turismo na Feira de São Cristóvão implica, pois, refletirmos também acerca dos vínculos que tanto a Feira, quanto o próprio turismo, mantêm com as demais dimensões da dinâmica urbana. Afinal, ambos, assim como a própria cidade, não só admitem e abrigam grupos heterogêneos, como também estão fundados nessa heterogeneidade (Magnani, 1996).

O Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas, enquanto uma organização da vida social, apresenta-se constituído não apenas por aparatos físicos e recursos humanos, mas sim por toda uma rede simbólica que o permeia (Laplantine e Trindade, 2007). Sob esta ótica, as estátuas com ícones nordestinos localizadas nas entradas, o guichê da venda de ingressos, as fotos dos possíveis fundadores da Feira pintadas nos muros, as grades que separam a área da feira, da rua, e, a música em volume audível do lado de fora, fazem parte de toda uma rede simbólica

que prepara os visitantes para a saída da vida cotidiana e entrada em um outro universo de significações. Não um lugar comum, mas o lugar da festa, da alegria, da performance muitas vezes, onde emoções raramente expressas no dia a dia são capazes de ser vivenciadas.

Bibliografia

- Becker, Howard
1977 De que lado estamos? Uma Teoria da Ação Coletiva. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Cardoso, André L. C.
2006 Arquitetura Encapsulando a Informalidade: da Feira dos Paraíbas ao Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Castro, Celso
2002 “Narrativas e imagens do turismo no Rio de Janeiro”. In Velho, Gilberto (org). Antropologia Urbana: Cultura e sociedade no Brasil e em Portugal:80-87. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Gastal, Susana
2005 Turismo, imagens e imaginários. São Paulo: Aleph, 2005.
- Geertz, Clifford
2001 “O Saber Local e alguns de seus limites”. In Nova Luz sobre a Antropologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Giacomini, Sonia M.
2007 Emoção “brega” e relações de gênero na Feira de São Cristóvão: corações, corpos e mentes em transbordamento emocional. 31º Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu-MG.
- Giacomini, Sonia M. e Costa, Adailton M.
2008 Relações de gênero, corpo e raça e Geração em contextos de sociabilidade na cidade do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio_resumo2008/relatorios/ccs/soc/ada.pdf>. Acesso em 01 de julho de 2010.
- Goldemberg, Mirian.
2009 A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record.

- Grünwald, Rodrigo de A.
2003 “Turismo e Etnicidade”. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, 9(20):141-159.
- Laplantine, François
2007 *Aprender Antropologia*. São Paulo: Brasiliense.
- Laplantine, François e Trindade, Liana
1997 *O que é imaginário*. São Paulo: Brasiliense.
- Magnani, Guilherme C.
1996 “Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole”. In Magnani, J. G. C. , Torres, L. de L. (orgs). *Na Metrópole. Textos de antropologia urbana:15-53*. São Paulo: EDUSP/ FA-PESP. .
- Mauss, Marcel
2005 “A Expressão Obrigatória dos Sentimentos (Rituais Oraís Funerários Australianos)”. In *Ensaio de Sociologia: 325-335*. São Paulo: Perspectiva.
- Nery, Aline R. “Nós” e a Feira: Turismo, Significados e Representações Sociais na Feira de São Cristóvão–RJ. *CSOnline*, Setembro de 2010. Disponível em <http://www.editoraufjf.com.br/revista/index.php/csonline/article/viewFile/751/648>
- Ribeiro, Maria de F.
2004 *Nem Feira dos Paraibas nem Shopping dos Nordestinos: um estudo sobre o Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas*. Tese. Programa de Engenharia de Produção. COPPE/UFRJ. Rio de Janeiro.
- Santana, Agustín
2009 *Antropologia do turismo: analogias, encontros e relações*. São Paulo: Aleph.
- Siqueira, Euler D. de.
2008 *A nova maravilha do turismo: práticas simbólicas e narrativas identitárias na eleição do Cristo Redentor*. Anais da 26ª Reunião Brasileira de Antropologia. Brasília: Editora da ABA. (01):. 1-19.

NOTAS

1 Iguaria típica nordestina.

2 Localizada no bairro de São Cristóvão e reduto da cultura nordestina na cidade do Rio de Janeiro, a tradicional Feira de São Cristóvão, também conhecida como “Feira dos Paraibas”, teve origem com a chegada de retirantes nordestinos na cidade, por volta do ano de 1945. Embora existam várias versões para o surgimento da Feira, o fato é que ela surge como um território simbólico de pertencimento – uma tentativa de se reproduzir um pedaço do Nordeste – ou uma junção de vários nordestes – no Rio de Janeiro. Criam-se cheiros, sons e cores que visam remeter a um Nordeste sonhado, amenizando a saudade e auxiliando o migrante em sua nova vida na “cidade grande”. Localizada no Campo de São Cristóvão, a Feira permaneceu ao ar livre por cerca de 58 anos, até a inauguração, no ano de 2003, do Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas.

3 O Pavilhão de São Cristóvão é um projeto arquitetônico modernista do arquiteto Sérgio Bernardes, famoso devido à sua cobertura sustentada por cabos de aço que cobriam grandes vãos livres, compondo uma superfície parabólica. Criado para abrigar a Exposição Internacional da Indústria e do Comércio, deveria ser uma construção temporária, mas acabou permanecendo no local, sendo utilizado posteriormente para a realização de alguns eventos, como a Comemoração do IV Centenário da Cidade, mostras comerciais e culturais (Cardoso, 2006). Na década de 1970, sua famosa cobertura é danificada por uma ventania e, com isso, removida. O Pavilhão vive, durante anos, uma situação de abandono, até ser utilizado na década de 1990 como sede dos barracões das Escolas de Samba do Rio de Janeiro. No entanto, após a transferência das mesmas para o Cais do Porto, o Pavilhão é desativado e passa por um processo intenso de constante degradação, vindo a abrigar, no ano de 2003, o Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas.

4 No ano de 1993, a Lei Municipal nº 2052, de 26 de novembro, já havia instituído no Campo de São Cristóvão o Espaço Turístico e Cultural Rio/Nordeste, ponto de interesse turístico. (Fonte: www.jusbrasil.com.br).

Recibido: 30/09/2010
Reenviado: 22/10/2010
Aceptado: 09/12/2010

Sometido a evaluación por pares anónimos